

TROFÉU DE SOLIDÃO

(Texto teatral - Drama)

Autora: Sibeli de Jesus

(E-mail: 76sibeli@gmail.com)

PERSONAGENS:

MATILDE, jovem lavadeira.

RAUL MEDEIROS, escritor romancista renomado.

MÁRCIA, socialite arrogante.

GABRIEL, filho de Raul e Márcia.

HÉLIO, pai de Raul.

PEDRO, caminhoneiro de bom caráter.

FELIPE, caminhoneiro mau caráter.

LIANDRA, poetisa bêbada.

AFONSO, namorado de Gabriel.

CÉSAR, jovem poeta.

MAURO, músico.

FERNANDO, poeta.

IRAMAN, prima de Gabriel.

PRISCILA, jovem idealista.

ATO I

CENA I – Em uma maternidade em São Paulo, capital, no ano de 1968, Márcia dá à luz na presença de seu marido, Raul. Ainda de cortinas fechadas. Sons no áudio simulando um parto normal.

MÉDICO: Parabéns Márcia! É um lindo menino.

MÁRCIA: Eu sabia.

RAUL: Este promete! Doutor disse-nos que seria uma menina.

MÉDICO: Eu disse que provavelmente seria uma menina. (Pausa). Mas pelo que sei a preferência de Márcia é por menino.

MÁRCIA: Isto mesmo doutor, a notícia não poderia ser melhor... Sou louca por menino.

RAUL: Menino; menina, sinceramente para mim não faz nenhuma diferença, de qualquer maneira é o ser mais importante de minha vida. Eu nunca vou esquecer este dia de hoje, 28 de Agosto de 1968, aqui na minha bela São Paulo.

MÁRCIA (Emocionada): Virgem, meu filho é do signo de virgem. Será inteligente como o pai e elegante como a mãe.

RAUL: Gabriel conhecerá as belezas do Brasil pelas minhas mãos.

MÁRCIA: Que belezas Raul? Este país atrasado.

RAUL: Gabriel será um homem livre.

MÁRCIA: Ele será um homem fino e educado.
Casara-se com uma bela mulher e terá muitos filhos.

RAUL: O destino de Gabriel está nas mãos de Deus
não nas suas, Márcia.

MÁRCIA: Para com este seu idealismo de escritor
romancista Raul. Sejam racionais. A Europa é muito
melhor que o Brasil, este paizinho atrasado.

RAUL: Esta é a sua opinião de pessoa que só sabe
pensar em dinheiro. No meu humilde saber, o Brasil é
o melhor país do mundo.

MÉDICO: Sejam razoáveis. O Gabriel acaba de
nascer e vocês já estão discutindo o futuro dele.

RAUL: Gabriel será livre feito o vento.

MÁRCIA: Se depender de mim será educado feito um
rei; e viril feito um viking.

RAUL: Aos pais cabem apenas mostrar às coisas da
vida. A dar uma boa educação. Só isso Márcia. Agora
curte o seu momento porque eu estou curtindo o meu.
Vamos apenas celebrar o nascimento do nosso filho.
Deixa-me ficar entrelaçado a este amor que estou
sentindo. É muita alegria para um só coração. Gabriel,
meu filho.

(Música. Abre as cortinas).

CENA II – Doze anos mais tarde. Em uma pequena cidade (fictícia) do Mato Grosso, cujo nome Cascata, crianças brincam enquanto mulheres lavam roupas. Todos estão no rio. Matilde, uma jovem lavadeira de 16 anos, está entre elas.

(Uma menina escreve em seu caderno repetindo as palavras em voz alta):

MENINA: Cidade, Cascata, Estado, Mato Grosso. Quinze de Junho de 1980.

(Ouve sua mãe chamar):

MÃE DA MENINA: Martinha minha filha, venha me ajudar a torcer estas roupas.

(A menina fecha o caderno. Vai ajudar a mãe. Matilde indaga a lavadeira ao seu lado).

MATILDE: E o Zezinho?

LAVADEIRA: Foi à fazenda do senhor Genival. Já faz um mês que está trabalhando. Pensei que soubesse!

MATILDE: Ele havia me dito, mas não acreditei. Acho Zezinho novo demais para trabalhar.

LAVADEIRA: Diga-me Matilde. O que está acontecendo com a Flora? Faz dias que ela não vem ao rio, parou de lavar roupa pra fora?

MATILDE: Eu estou lavando as roupas das minhas freguesas e a das minha mãe, ela está doente.

LAVADEIRA: O quê que a Flora tem?

MATILDE: Ninguém sabe.

LAVADEIRA: Ela tem que ir ao médico. Vai que é alguma coisa ruim.

MATILDE: Aquele médico do posto só atende uma vez por semana, e mesmo assim não atende a todo mundo; não dá conta, é gente demais. A moça que trabalha no ambulatório dá sempre a mesma desculpa. Diz que o médico só está atendendo as emergências. (Pausa). Em São Paulo não é assim não. Lá eles atendem é na hora.

LAVADEIRA: Deixe de bestagem menina! É tudo igual, pobre sofre em qualquer lugar. (Olha para as crianças brincando. Grita) Tônicoooo! Vamos embora.

TONICO: Ahhh mãe! Só mais um pouquinho!

LAVADEIRA: Bôra menino, já banhou demais por hoje. (Para Matilde) Fala para a Flora que não pode desanimar. Que Deus a abençoe!

(A lavadeira sai, seu filho Tônico vai atrás).

MATILDE (à parte): Isto não é cidade, é fim de mundo. Não tem médico; não tem é nada. Só se eu fosse muito burra para não sair deste lugar. (Sai).

(Entra Raul e seu filho Gabriel).